

As bibliotecas do futuro

Carlos Fiolhais *

O astrofísico Carl Sagan no seu livro “Cosmos” (edição ilustrada, Gradiva, 2001) fez em 1980 um extraordinário elogio das bibliotecas:

“A biblioteca põe-nos em contacto com as concepções e o saber, a custo extraído da natureza, das maiores mentes até agora existentes, com os melhores professores, provindos de todo o planeta e de toda a nossa história, para nos instruírem sem nos fatigarmos e para nos inspirarem a dar a conhecer a nossa contribuição ao saber colectivo da espécie humana. (...) Considero que a saúde da nossa civilização, a profundidade da percepção que temos das bases de apoio à nossa cultura e o nosso cuidado relativamente ao futuro podem ser medidos pelo tipo de apoio que damos às nossas bibliotecas”.

Que por vezes não damos o melhor apoio às nossas bibliotecas mostra o discurso, de uma ironia a roçar o sarcasmo, que o escritor e crítico literário Umberto Eco proferiu em 1981 na Biblioteca Municipal de Milão (“A Biblioteca”, Difel, 1987). Diz ele: “Nasceram bibliotecas cuja função era de não deixar ler, de esconder, de ocultar o livro”. E elenca, em 19 pontos, o modelo de uma má biblioteca: logo o primeiro ponto é que os “catálogos devem estar divididos ao máximo”. Mas há outros:

- “O espaço de tempo decorrido entre o pedido e a entrega do livro deve ser muito longo”;
- “Não se deve dar mais do que um livro de cada vez”;

- “Deve existir, de preferência, uma ausência total de máquinas fotocopiadoras mas, se houver alguma, o acesso a ela deve ser demorado e cansativo e os preços superiores aos da livraria”;

- “O bibliotecário deve considerar o leitor como inimigo, um vadio (se não, estaria a trabalhar), um ladrão potencial”;

- “Os horários devem coincidir absolutamente com os horários de trabalho, devendo ser preventivamente discutidos com os sindicatos: encerramento total aos sábados, domingos, à noite e à hora das refeições”.

E, por último: “O ideal seria que o utente não pudesse entrar na biblioteca; admitindo que entre (...) não deve nem deverá nunca ter acesso aos penetrais das estantes”.

As bibliotecas têm evoluído e, passados mais de vinte anos, poucas se reconhecerão nas críticas do escritor italiano. Mas o curioso é que o texto de Eco está ultrapassado por uma razão mais profunda. No início dos anos 80, com o surgimento do computador pessoal, e no início dos anos 90, com a explosão da internet, a biblioteca, mantendo-se na essência a mesma (a asserção dos objetivos da biblioteca feita por Sagan é eterna), mudou radicalmente. Os catálogos de fichas desapareceram, substituídos pela indexação electrónica. E nasceram as bibliotecas digitais. A informação cresceu e multiplicou-se no universo incorpóreo a que se chama ciberespaço. A biblioteca chegou aos nossos gabinetes e a nossas casas. Está hoje nos nossos computadores e estará amanhã nos nossos telemóveis.

Não quer isto dizer que as antigas bibliotecas, com livros que cheiram a livros e lombadas que apetece apalpar, tenham perdido a razão de ser. Mas elas têm sido conciliadas e complementadas com todas as possibilidades que a moderna parafernália tecnológica hoje permite e amanhã vai permitir ainda mais.

É esta fusão – chamemos-lhe fusão feliz, porque dará decerto felicidade ao leitor – entre o velho e o novo que é preciso aprofundar. A biblioteca tradicional é um espaço de encontro, das pessoas com os livros, as revistas, os jornais, os CD e os DVD, e das pessoas umas com as outras. Esse lugar de encontro deve ser acolhedor e benfazejo. Mas a biblioteca moderna é o sítio onde estiver a informação, a qual está hoje omnipresente à simples distância de um clique. Essa informação, cada vez maior, é transportada à velocidade da luz. Cabe hoje aos bibliotecários, além de guardar e disponibilizar os meios de informação (“suportes de conteúdos” na horrível terminologia que hoje se usa à exaustão), organizar a informação, qualquer que seja a sua origem ou formato e seleccioná-la, privilegiando a que for mais fiável e relevante. Têm de desbabelizar a biblioteca de Babel.

E Coimbra? Está um pouco atrasada mas ainda a tempo de apanhar o comboio das bibliotecas do futuro, que farão a fusão feliz entre o velho e o novo. A Universidade de Coimbra tem todas as condições para vir a ser uma lição. Por um lado, do ponto de vista do espólio e por benefício da sua história, tem das melhores bibliotecas do país, a começar pela Biblioteca Geral, que é uma das

coisas mais preciosas que temos. Por outro lado, desde o final dos anos 80 que dispõe de uma das mais extensas e bem estruturadas redes informáticas do país, que pode e deve juntar eficazmente as bibliotecas espalhadas pelos vários edifícios universitários (um exemplo recente de não optimização de recursos foi a construção de várias bibliotecas no Pólo II em vez de uma só biblioteca central). Falta, portanto, unir melhor o melhor dos dois mundos: o admirado mundo velho e o admirável mundo novo. É bom não esquecer que a união desses mundos não é um fim em si mesma, mas apenas um meio para atingir os fins da

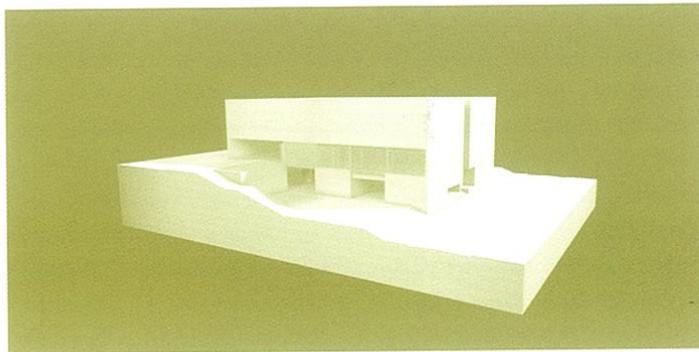
universidade. Pensando nesses fins, eis algumas questões para uma estratégia da Universidade de Coimbra no domínio das bibliotecas:

- Será Coimbra capaz de manter ou criar para os seus estudantes, professores e investigadores bibliotecas verdadeiramente propícias a aprendizagens, bibliotecas que recusem todas as características que Eco elencou e que disponibilizem os meios que forem em cada altura mais modernos?
- Será Coimbra capaz de providenciar um catálogo *on-line* de toda a sua produção pedagógica e científica? Será

capaz de disponibilizar universalmente não apenas os índices, mas também, salvaguardados os devidos direitos de autor, os “conteúdos”, de modo a irradiar melhor o conhecimento qualificado que produziu e produz?

- Que serviços está Coimbra disposta a prestar, por meio das suas bibliotecas, aos cidadãos em geral, incluindo não só os residentes na região mas também noutros sítios? Isto é, que universidade quer Coimbra ser neste domínio?

* Professor de Física da Universidade de Coimbra



Estudo para Biblioteca do Pólo das Ciências da Saúde • Projecto de CLCS - Arquitectos Ass.. Lda.

Humor campusino

João Paulo Moreira *

Por isso louvei a alegria, visto não haver nada de melhor para o homem, debaixo do sol, do que comer, beber e divertir-se (*Eclesiastes*, 8:15)

Sempre que tenho oportunidade pas-

seio-me por entre as filas de carteiras das salas de aula da minha Faculdade, para ler os chistes aí deixados pelos alunos no decurso do curso. É esse um exercício instrutivo, um renovado banho de humildade para o docente que possua excessivas veleidades quanto ao real impacto do seu magistério. Move-me a curiosidade

de ver como vai o humor estudantil. Num impulso semelhante, ganhei o hábito de descer anualmente até à Praça da República, para espreitar os comentários inscritos nos carros por altura do cortejo da Queima, que tomo por indicador fiável do estado da veia cómica do nosso *campus*.